

NAVEGANTES E MERCADORES DE VIANA E PONTE DE LIMA

Por MANUEL ANTÓNIO FERNANDES MOREIRA*

Existem no País instituições particulares, de carácter social e eclesiástico, que guardam acervos riquíssimos relativos à história da presença portuguesa no Oriente. Entre os maiores destacamos as Misericórdias. Ponte de Lima, aqui ao nosso lado, é uma delas. Conserva o célebre manuscrito intitulado «Cartas da Índia». Nele aparecem transcritas algumas dezenas de missivas vindas das suas congéneres do Oriente, como Goa, Chaul, Malaca, Cochim, Ceilão, Damão. A maioria versa sobre a transferência de heranças de minhos falecidos naquelas longínquas paragens. Uma primeira carta era enviada de Goa a sondar a existência e morada dos herdeiros. Depois seguiam-se outras, comunicando a transferência e circunstâncias. As Misericórdias do Oriente valiam-se dos serviços da Misericórdia de Lisboa ou de grandes banqueiros. A letra de câmbio era, em regra, o instrumento preferido. Martim Velho Barreto cobrando comissões, que podiam ir até 20% do montante a transferir, aparece a operar nesta área das finanças e transporte. Não era trabalho exclusivo das Misericórdias.

A Misericórdia de Viana também estava inserida nestas redes financeiras. As notícias aparecem registadas ao longo dos diversos Li-

* Historiador

vros de receita e despesa. Na sua secretaria faltava um livro exclusivo para o assunto com a transcrição na íntegra dos documentos, como acontecia na sua congénere de Ponte de Lima. O mais interessante, na sua leitura, é constituído pelo facto de algumas heranças simplesmente caducarem ou terem desaparecido os seus destinatários.

As Misericórdias, cada uma por si, cobrava a comissão de 5% do montante, pelo seu trabalho, quase sempre longo e difícil. Quantas vezes os provedores de Ponte de Lima se viam obrigados a enviar mensageiros a Monção ou Vila do Conde ou a servir-se da interferência de grandes banqueiros ou homens de negócios junto da Misericórdia de Lisboa, levantando as verbas ou operando câmbios.

A seguir resumimos, superficialmente, o referido documento. Nas suas laudas aparecem citados vários "indianos" vianenses e à sua Misericórdia solicitados trabalhos de cooperação.¹

1- Arquivo da Misericórdia de Ponte de Lima; C. R. Boxer, op. Cit., pp 263 e segs.; V. Magalhães Godinho, Os Portugueses ..., op. cit., pp. 31-40.

A Presença de Minhotos no Oriente (Séc. XVI e XVII)

Segundo o Livro «Cartas da Índia» da Misericórdia de Ponte de Lima

Carta	Defunto	Local da Morte	Naturalidade	Apontamentos	Fls.
1620	Gonçalo da Cunha	Diu	Ponte de Lima	A herança, segundo informação da Mis. de Diu, fora enviada à Mis. de Lisboa, via Mis. de Goa. Eram 8.800 xerafins. Consideravam-se seus herdeiros o irmão Domingos Araújo com morada em Cochim, e Salvador Gomes casado com Maria Vaz Puga. A Mis. de Cochim chegou a enviar de uma vez 3.300 xerafins e de outra 5.500. A Mis. de Ponte de Lima tudo nega. A Mesa da Mis. de Goa, em carta de 1623, confessa que estavam no depósito da Mis. de Lisboa 130.000rs., enviados, por letra, a Maria Vaz Puga, viúva de Salvador Gomes, que entretanto faleceu em Diu.	4 6 8 11 13

1620	Gaspar Dantas	Chaul	Ponte de Lima	Em 1620 estavam depositados no cofre da Mis. de Chaul 14.000 xerafins. A Mis. de P. de Lima foi contemplada com a terça parte, isto é, 3.200 xerafins. Tratava-se de uma soma considerável. A Mis. de Chaul, por razões desconhecidas tardou muitíssimo em enviar o dinheiro. Passados 20 anos ainda não estava satisfeita. Em 1627 a Mesa de Ponte de Lima alerta para as altas comissões levadas por Luís Álvares em tratar do assunto junto da Mis. de Lisboa, devendo ser indemnizada pelos restantes herdeiros. Em 1628 foram satisfeitos, de Chaul para Lisboa, 1.600 xerafins, isto é, metade. No ano de 1640 foram trocadas várias cartas. Numa afirmava-se que o Despacho de Chaul por seis vezes havia tentado liquidar o legado. Em vão. Fora satisfeito pela mesma altura.	5 6 8
1620	Diogo Pereira da Cunha	Moçambique	Ponte de Lima	Tratava-se de um prestigiado fidalgo limiano, exaltado pela bravura e desempenho no manejo das armas. A esposa recolheu-se à	5 11

1623	Gaspar Barbosa	Moçambique (1623)	P. de Coimbra	clausura, em Goa. A Mis. de Ponte de Lima foi contemplada com parte significativa dos seus bens. Soldado das fortalezas. Morreu solteiro. Tornaram-se seus universais herdeiros a mãe e irmãos. A Mis. de Goa pediu informações à de P. de Lima sobre o seu estado e paradeiro. O mercador lisboeta de nome Valentim Garcia encarregou-se de operar a transferência e distribuição, recebendo a respectiva comissão.	5 7 8
1623	Gaspar Araújo	Moçambique (1614)	P. de Lima	Legou à Mis. de Goa 200 xerafins. Esta pediu informações sobre a existência de herdeiros legais da fatia restante. António Caldeira de Araújo serviu de intermediário de 1.100 xerafins.	5 7
1622	Domingos Faria	Goa (1620)	Ponte de Lima	Faleceu no Hospital d' El-Rei de Goa. Pensava-se que fosse natural desta região minhota. A Santa Casa fez diligências não conseguindo localizar familiares.	6

1623	Simão de Melo	Ceilão		Morreu na conquista de Ceilão. Igualmente a mesma entidade não conseguiu reunir informações, apesar das diligências, como sempre aturadas.	6 8
1627	Domingos Gomes	Malaca	S. ^{ta} Cruz	Foi piloto das armadas. Morreu em combate nos mares de Malaca. Em Santa Cruz (P. de Lima) residiam suas irmãs, Maria e Catarina – únicas herdeiras. Navegando para o Reino, Francisco de Sousa Casado tornou-se portador dos bens que restavam. Passado algum tempo a Mesa do Despacho da S. ^{ta} Casa de Ponte de Lima concluiu que, apesar «ser gente muito pobre», tinham sido roubados por aquele malabarista, entrepondo diligências judiciais.	8 9 11
1627	Francisco Correia Araújo	Goa	P. de Lima	Camareiro do Vice-rei e Almirantado, «que agora vai para o Reyno», faleceu, tendo reunido uma grande fortuna. Como sempre, para descargo de consciência, legou a terça parte aos pobres contemplados pela Mis. de P. de Lima e o restante coube aos seus	10 13

1633	António Bar- bosa Correia	Goa	P. de Lima	<p>herdeiros. Assim 3 irmãs solteiras, para entrarem em clausura, receberam 2.500 cruzados cada uma; outra casada - 2.500; o irmão António - 3.000; o irmão Lucas - 1.000; a prima Margarida - 1.000; o primo Francisco - 200. Do restante constituiu-se uma capela de missas a celebrar no mosteiro dos frades limianos de Santo António. Entretanto, o terço da Misericórdia, avaliado em 1.667 xerafins, já estava na posse da mesma e o restante, parado devido ao facto do depositante, António da Costa, estar preso nos calaboiços do Santo officio.</p> <p>Nobre - Desembargador.</p> <p>Faleceu sem deixar testamento, pelo que foi sua herdeira universal a esposa D. Violante de Noronha. Por sua vez esta fez legado à Mis. de Goa.</p>	13 17
------	------------------------------	-----	------------	---	----------

Cartas entre as Misericórdias de Cochim e Ponte de Lima

1623	Domingos Gomes	Cochim	P. das Cabras (Vila Verde)	Depois de uma vida de sacrifícios e perigos, restaram-lhe apenas 146 xerafins para enviar para a mulher, lavradeira de Portela das Cabras. Infeliz combatente!	164
1630	Gaspar Amorim da Cunha	Cochim	Valadares (Monção)	Casou nesta região com uma indiana. Parte dos bens foram depositados na Mis. de Negapatán e remetidos a Domingos Fernandes, de Valadares, seu herdeiro. Foram 315 xerafins.	163
1610	Frutuoso Tavares	Cochim	V. do Conde	Estavam, há muito, em depósito, pertencentes a este marinheiro, 24 xerafins e 40 cruzados.	163
1610	Baltasar Brandão	Cochim	P. de Lima	Igualmente, no cofre, para seus irmãos de P. de Lima, 203 xerafins.	163
1610	Amador Carneiro	Cochim	Vila do Conde	Piloto da Carreira da Índia, natural de Vila do Conde, freguesia de São Simão da Junqueira. Deixou 1.774 xerafins e 170 cruzados. Se a mãe fosse falecida, 500 xerafins revertiriam a favor da Santa Casa de Cochim. Esta deve ser a explicação para o	163

1610	Gonçalo Cunha	Cochim	P. de Lima	atraso. Mas a investigação da Mis. de P. de Lima deu-a como viva. Da fortuna, 8.994 xerafins e 269 cruzados reverteram em favor de seus herdeiros, moradores em P. de Lima; 11.000 xerafins foram tomados por El-Rey.	
1610	Baltasar V. Barbosa	Cochim	P. de Lima	75 xerafins, «por serviço de Nosso Senhor, queiram enviar para meu herdeiro de P. de Lima».	163
1610	Cosme de Araújo	Cochim	A. Val- devez	Deixou a pequena quantia de 300 xerafins para seus irmãos vivos. A letra foi protestada.	163
1610	Baltasar Cor- reia	Cochim	V.N. Cer- veira	Legou 100 xerafins para seus pais que viviam em Vila Nova de Cerveira. Era novo.	163
1623	António Brandão	Cochim	Valadares	Um dos herdeiros, em Valadares, foram os descendentes de Domingos Fernandes, a quem foi enviada, em 1630, a sua parte em letra de Gaspar de Amorim da Cunha, sendo protestada. Outra de 100 xerafins de António Silva, sobre António da Gama Lobo, sendo beneficiária a Mis. de Lisboa.	166

					Finalmente uma terceira de 206,5 xerafins de Martins Álvares cobrada sobre Diogo Barradas da Ataíde, à Misericórdia de Lisboa, para gerir.
--	--	--	--	--	--

Cartas entre as Misericórdias de Damão e Ponte de Lima

1637	António Barros	Damão (1644)	P. de Lima	Ainda vivo, 1637, enviou uma oferta de âmbar, por intermédio dos bons serviços das Misericórdias de Damão e P. de Lima, que servisse de dote de casamento de uma sobrinha sua, filha de Filipe de Barros, residente em Cerveira. Eram 105 onças e 6 oitavas mais o pó depositado na embalagem. Rendeu tudo (a 4.500rs./onça e 1.000rs. o pó) 476.870 rs.. As despesas foram de 84.421rs. (direitos-21.649 rs.; consulado -12.987; obra pia -4.229; tara -220; carreto -40; comissão - 19.034(a 4%), corretagem - 2.375 (0,5%). Total 391.450rs., sendo 390.000 em favor daquela finalidade (casamento com António Pacheco) e os 1.450rs. restantes para	62	
						63
						64
						65
						66
						71
						72
						24

despesas.

Pela mesma altura, apesar da dor causada pela falta de correspondência da família, à Mis. de Caminha envia mais 7 arráteis de âmbar por via de Gaspar Gomes, n. de Vianna, para ser vendido em Lisboa. Mais 600 patacas em mão de Álvaro de Sousa Távora, de Regalados. Mais as rendas da Comenda de São Miguel de Lavradas (a 100.000rs./ano). Esta foi bem prendada. Não aconteceu o mesmo com a segunda. O tio afortunado faleceu em 1639. Secou a fonte dos dotes. E para mais morreu «apressado». No testamento contemplou a Mis. de P. de Lima com 12.000 pardaús para uma capela de missas; D. João de Moura -12.000 cruzados; Úrsula Teixeira, «mulher de seu sobrinho F.^{co} Lopes Calheiros» -7.000. Para a irmã e sobrinha já tinha contemplado com 1.316 patacas que chegaram por letra sacada ao mercador inglês Guilherme Metaold.

1640	Afonso Barbosa		Damão			<p>Havia dívidas, segundo carta de um dos seus testamenteiros, P.^e Mateus de Araújo. O outro era D. João de Moura, que faleceu em 1643. Em 1653 a Mis. de Ponte de Lima queixava-se à congénere de Damão a falta de cobrança da mesma. No ano seguinte esta declarava que os testamenteiros tinham fugido com a herança. A viúva, por sua vez, declara bem alto que não havia testamento. Era o reino da fraude e do «salve-se quem poder».</p>	Faleceu na Fortaleza de Damão.	16, 33
------	----------------	--	-------	--	--	--	--------------------------------	--------

Cartas entre as Misericórdias de Malaca e Ponte de Lima

1625	Gaspar Homem	Malaca (1624)	Bertiandos (P. de Lima)	Deixou 200 cruzados, num legado-pio; 1.000 cruzados para sua mãe, ainda a morar em Bertiandos, em casa que lhe cabia em herança de seu pai.	201
1626	Gonçalo de Abreu	Malaca (1614)	P. de Lima	Seus pais eram os herdeiros. Ao todo 372 xerafins. Ficaram depositados na Mis. de Goa. Caso estes fossem falecidos, seria herdeira sua mulher.	201 202
1626	António Borges	Malaca	Viana	Possuía 304 cruzados que foram herdados por seu amigo Baltasar Moreira.	201
1638	Miranda António Pereira Lima	Malaca	P. de Lima	Deixou aos herdeiros, a viver em P. de Lima, 800 cruzados. A Mis. de Malaca requereu confirmação.	204

Cartas entre as Misericórdias de Chaul e Ponte de Lima

1580	Martim Glz Lima	Chaul	P. de Lima	Vivia de esmolas em Chaul. Confessa: «Com guerra, perdas e tiranias que cá fazem os governadores, estou muito desprezo (...) pobremente me sustento com a misericórdia do Senhor Deos(...) não tenho pai nem mãe senão a Santa Caza. Me façam esmolla de cada anno ou repartam as esmollas da ermida de São Sebastião pelos meos irmãos, que são pobres».	93
1605	Gaspar Dantas	Chaul	Gândara (S. Martinho)	Nobre. Os seus títulos de nobreza estavam guardados em Barcelos, em casa de António Dantas. Era rico. Restavam-lhe em dinheiro 30.000 pardaus. Os familiares pretendiam abrir inquérito e demanda.	93
16...	Luis Álvares Franco	Chaul	P. de Lima	Apresentaram-se muitos herdeiros.	96
	Manuel Fz Rio	Ormuz	P. de Lima	A sua fortuna ultrapassava os 200.000 pardaus.	97

Da leitura deste documento, agora pela primeira vez resumido, resultam algumas impressões curiosas que nem sempre estão de acordo com a mentalidade actual reinante, fruto de falsas imagens que os cronistas e historiadores românticos e gongóricos fizeram passar. De facto, a Índia não era a terra onde corria o leite e o mel. Pelo contrário, havia muita miséria e pobreza, solidão e ausência da família, desconfiança e roubos. A maioria dos pequenos soldados e servidores do monopólio não voltavam ao Reino. Uns morriam nas duras batalhas. Outros por lá ficavam como mendigos, vagabundos, vagueando à espera do convite de algum capitão que os contratasse para as armadas. Só um número muito reduzido conseguiu triunfar, reunindo fortuna no comércio local ou administração.

Para a maioria foi um desengano e decepção. Gil Vicente traçou o retrato da Índia e dos «indianos» nestes termos: «Lá, vos digo que há fadigas/Tantas mortes, tantas brigas, /E perigos descompassados /Que assim vimos destroçados, / Pelados como as formigas» (*Auto da Índia*). Camões, que pôde verificar e testemunhar *in loco*, ainda foi mais realista quando escreveu: «Que castigo tamanho e que justiça / Fazes no peito vão que muito te ama! /Que mortes, que perigos, que tormentos /Que crueldades neles experimentas» (*Lusíadas*, IV, 95). Era o medo dos naufrágios, das viagens sem retorno, das guerras e ataques da pirataria, da cupidez de lucros e das fraudes por parte dos oficiais, das arribadas dolorosas ao encontro do desconhecido ou da morte, muitas vezes da fome e desgraça.

A Índia das especiarias e drogas, das naus bojudas e ofegantes, dos vice-reis locupletados e cobertos de glória, dos capitães invencíveis e reverenciados, das armadas desafiando as tempestades das monções e das fortalezas, resistindo às investidas dos íncolas e estrangeiros, foi, passados os primeiros tempos, uma miragem e uma químera colectiva, uma vitória para alguns e uma desgraça para a maioria. Os impérios sempre tiveram pés de barro e cabeças de balão¹.

¹ Camões, *Os Lusíadas*, Cant. 8, Ests. 94-99; João de Barros, *Ásia*, Déc. I, Liv. IV; Gil Vicente, *Auto da Índia*; Giulia Lanciani, *Os Relatos de Naufrágios dos Sécs. XVI e XVII*, Lisboa, 1979, pp.29-46.